

# ABEL SALAZAR

Uma geração à margem da vitória sobre o nazismo; uma juventude traída e forjada no desperro; um despertar cultural de antemão colonizado (pela França — já se sabe), açaimado por um ensino teórico, pela frustração cívica, pelo isolacionismo, pelo velho, pelos velhos, — uma geração assim, a minha, formou-se ao acaso das contradições e com os vícios de uma ausência de sistematização.

Vivíamos numa oposição pragmática, como se calcula. Tínhamos apenas a dar-nos alento os pioneiros do neo-realismo, com todo o entusiasmo dessa corrente e — ponto fundamental — com toda a força unitária do seu conteúdo marxista: filosofia, arte e ciência constituindo um todo de relações para a explicação do homem.

Mas, submetidos a um ensino repressivo, éramos escolares autodidactas — e mais: viamo-nos rondados, tolhidos às vezes por enviados de boa-vontade que transportavam Bergson e Leonardo Coimbra, pelo menos. Reagimos a isso a traço duro. Perante as abordagens do irracionalismo e das interpretações menos imediatas e do fenómeno artístico, fechávamo-nos por dentro e púnhamos diante dos olhos legenda de Rodin: «Não acredites na inspiração, ela não existe. As verdadeiras qualidades do artista são a inteligência, a vontade e a modéstia.» Coisas destas. Contra a nebulosa chama das intuições e do ímpeto criativo, a água agreste da razão simplista...

Eno entanto, já alguns anos antes desse debate em que cada um de nós procurava organizar-se em projecto de escritor ou de artista, já então um mestre da Ciência, daqui e da nossa hora comum, tinha

lançado em termos claros e pedagógicos algumas das coordenadas mais sólidas para o traçado da nossa orientação. Vinham no *Sol Nascente* e no *Diabo*, sobretudo — precisamente as duas revistas onde a geração anterior, a mais irmã da nossa, tinha feito a sua aprendizagem.

Descobrimo-las mais tarde: Pela parte que me toca, eu, *mea culpa*, só depois da morte de Abel Salazar li esses artigos com olhos de ler. E a verdade é que estavam lá os sinais que nos tinham faltado e que, com tanto desperdício e erro, andámos procurando. Ali tinhamos a exposição clara de tantas teses de formulação obscura, desde o animismo aristotélico às reputações do kantismo, e, muito principalmente, achávamos lá o estímulo para a aventura científica, através da aproximação de um universo interpenetrado por diferentes formas de criar ciência e arte, filosofia e acção.

Num sábio de tanta ânsia de comunicar e repartir como Abel Salazar, as descobertas imperfeitas ou os desmentidos parciais são acidentemente menores de uma trajetória longa e feliz. Num ou noutro ponto haverá nele, penso eu, uma confiança reformista que o aproxima de Sérgio, seu contraditor de boa fé; terá mesmo — como observa Jofre Amaral Nogueira — pecado por optimismo em relação, principalmente, à Escola de Viena e às revoluções copernicianas; para uns o seu tipo de exposição afigura-se algumas vezes «divulgador» por excesso; para outros dogmático.

Embora. De tudo, o que prevalece e domina na gigantesca memória a corpo inteiro de Abel Salazar é o volumoso caudal de ciência e de teorização derramado por todos os territórios do homem. O resto, as tais baixas de nível são as zonas superficiais que, afinal,

servem ainda para definir o sentido das profundas e tumultuosas correntes do saber. E foi isso que ele procurou e conseguiu: destruir a visão estática (ou mística); concretizar relações que unem a matéria à forma, a razão ao belo. Sistematizar.

Sistematizar, é isso. Todo o esforço de pedagogia e de doutrinação desenvolvido por Abel Salazar é um apelo à sistematização. Estávamos, não se esqueça, numa sociedade de «culturas fechadas» e de formação intelectual desordenada. Sem incentivos, sem escola livre. E nesse clima opressivo, acientífico (que Abel Salazar viveu e quis abrir) o que lhe interessava era, palavras do próprio, «reformatar integralmente a forma de pensar.» Criar método e libertar a nossa sociedade dos preconceitos aristotélicos para revelar a ciência num contexto humanizador.

Assim, ao homem médio, leitor eleito de Abel Salazar, a Ciência sai do *ghetto* da enruddição para se revelar surpreendentemente viva e criadora. A Ciência com os seus motores de imaginação — tal o poema, tal a escultura; embora com as suas representações abstractas, é certo, mas com as paralelas fantasias e audácias que avançam o real através da hipótese e da aventura; através da premissa que se nega e se contrapõe, e se desenvolve.

Por aqui compreendo eu a simpatia de Abel Salazar por Poincaré, o homem para quem a noção de Deus correspondia ao mais infinito: uma simples e necessária comodidade matemática. A objectividade com que o cientista francês «confessa» a mecânica do seu processo criador, a gênese das suas descobertas, não pode deixar de impressionar um homem como ele, preocupado na

## JOSÉ CARDOSO PIRES

destruição dos mitos correntes em relação ao investigador e à sua desumanização pelos códigos do *establishment*.

«O que é, com efeito, a invenção matemática?» pergunta Abel Salazar no ensaio *O Que É a Arte?* «Não consiste em fazer novas combinações com as matemáticas já conhecidas. Isso qualquer pessoa poderia fazê-lo, mas as combinações que se poderiam obter assim seriam em número infinito e o maior número seria em absoluto destituído de interesse.» E conclui: «Poincaré insiste sobre o papel da harmonia e da ordenação — facto importante, pois aproxima a criação matemática da criação artística, sem as confundir.»

(Abro um parêntese:

Mais de vinte anos sobre este trecho de Abel Salazar iriam surgir na União Soviética, Alemanha e Estados Unidos as primeiras aplicações da estatística matemática à análise das relações entre a linguagem oral e a linguagem escrita, através de textos poéticos. Desta «teoria das probabilidades do verso» têm-se obtido algumas formulações científicas dos princípios da intuição e da modulação da actividade intelectual que paralelamente são do maior interesse para o avanço da angiografia.)

Com a ilustração de Poincaré, e no fundo com toda a sua obra divulgadora, Abel Salazar pretendeu tornar a imagem do homem de ciência, mais próxima do nosso mundo comum. Como Watson, o jovem Prémio Nobel, quando escreveu *The Double Helix*, também ele quis desmitificar a imagem do saber e das suas instituições na sociedade contemporânea e, assim, em tudo e em toda a parte — nas aulas, nos livros, no convívio —

# Abel Salazar

Continuação da pág. 3

abrir-se num amplo e comovente desejo de enriquecer a vida, explicando-a.

É por isso que, com uma precisão funcional que faz lembrar os iluministas pombalinos ele vem até nós, e diz:

«Os meus esforços são sinceros. Não pretendo que ninguém pense desta ou daquela forma mas apenas com sentido e clareza, e em harmonia com as aquisições filosóficas actuais, em harmonia com o momento.»

E nós a juventude que só pode lê-lo mais tarde (uns entre o romance e a Faculdade de Ciências, como eu), outros entre o poema e o escritório, entre a oficina e o cavalete) nós, geração desencontrada, descobrimos que «havia mais imaginação numa partícula de matéria, Literato de Sebenta, do que a tua filosofia pode abranger.» Que na glória dos mártires e dos heróis cabiam outros génios de larga e tormentosa odisseia — e que não eram os Van Gogh ou o Aleijadinho, os Casanova, os Sade ou Jack London, os Cervantes ou Camões mas outros pares de grande majestade e de radiosa dimensão: Galileu, Kepler, Cardano, Newton, e tantos outros.

Compreendemos, mais, que estávamos perante um homem de perfil humanista, talhado a ponta seca, no bronze, mas de permanente e infinita entrega. Todo o seu desejo era demonstrar a convergência dos conhecimentos universais, transcendendo os limites da técnica e formular os problemas a um nível mais amplo. Explicar a vida, numa palavra.

Explicá-la nas leituras possíveis que ela oferece: através do microscópio e da linguagem matemática, através da teorização, do colóquio escolar, da caracterologia, da crónica de viagem, do desenho e da pintura, do barro e do bronze. A carga energética de um homem de tamanha estatura não podia estancar-se nem ser neutralizada. Pressupunha acção múltipla, movimento; incitação ao diálogo; entrega.

E foi precisamente isso que assustou o fascismo, o pavor do vulto que alastra e clarifica.

Violenta e desesperadamente, abriram-lhe a perseguição. Mas, estava escrito, tinha-o dito o próprio Abel Salazar, «a ética intelectual manda estudar os métodos do adversário antes de os combater.» (Escrito assim. No estilo preciso duma instrução de campanha).

Sem ética, claro, mas com servilismo, os administradores da cultura esconderam-se na máscara de desprezo e ignoraram o aviso. Mas se erraram em relação a ele, errariam ainda mais em relação ao futuro, persistindo em não o ouvir. E que um cidadão como Abel Salazar não nasce e morre isolado, faz parte do processo duma nação, *consta* dela e dos homens que a continuam. Tanto que já muito antes do golpe que o fascismo lhe vibrara estava também escrito — e seria como que um segundo aviso do Mestre — que na sua tarefa «se esforçava igualmente, embora por outros processos, o moço e já ilustre matemático Rui Luís Gomes, bem como noutro campo o professor Caração.»

A «aurea mediocritas» que até ao 25 de Abril reinou na Universidade compreende agora a estreiteza dos seus juízos e a mesquinhez da sua memória cultural. Ela só ficará na História deste país pelos crimes e subserviências que aprendinou, talvez em pé de página e em corpo seis, reduzido quando se falar de expurgos culturais, de demissões, de denúncias e da extensa lista de vítimas que corajosamente venderam o saber e a honra ao dirigismo obscurantista.

*E bom que os polícias culturais ainda vivos levantem o pé e ouçam: que essa é a única oportunidade de nos lembrarmos dos seus nomes. E por isso de os não pronunciarem. Só por isso.*

E que compreendam como continuam vivos, esses sim aqueles que eles se empenharam em destruir e estão aqui connosco, neste lugar, à volta de um dos maiores portugueses do nosso tempo:

Abel Salazar, Mestre e Português.